

por Ana Isabel Soares, que, diga-se, deve ter tido uma tarefa árdua, conhecendo as características da “grande poesia da impoeticidade” e da “poesia-testemunho”, como quer ser polemicamente a poética narrativa de Pasolini. A edição bilingue para as traduções de poesia era, pensava-se, uma aquisição consolidada e inquestionavelmente necessária, da qual se espera que esta não sirva de modelo. MANUEL SIMÕES

Um pouco do meu sangue. Antologia de poesia italiana. Selecção e tradução **João Coles**. Nota **Daniel Ferreira**. Vila Meá: Ed-contracapa, 2020, 98 pp.

Qualquer antologia – e sobretudo as que pretendem abranger a produção literária de um país – fica marcada por questões subjectivas, embora deva prevalecer o critério da representatividade que se consegue reunindo um grupo de autores (neste caso, poetas) que aproximem o leitor do cânone literário, o que é sempre garantia de resistência ao tempo. A presente antologia não é muito clara nas suas intenções nem obedece a um critério lógi-

co: os textos dos poetas são organizados aleatoriamente, postos ao acaso em diferentes lugares da antologia, como se a mesma fosse organizada por temas, o que não vem ao caso; também não obedece a um critério cronológico, começa com um poema de Pasolini (n. 1922) e termina com um poema de Quasimodo (n. 1901). Além disso, não é fornecida qualquer notícia sobre os poetas antologados e sobre as obras a que pertencem os poemas seleccionados.

O único critério explícito na nota de Daniel Ferreira é o que apresenta esta antologia como “uma representação de uma determinada paisagem dialéctica, linguística e pessoal [...] numa sinergia entre editor e tradutor” (p. IV), aspecto que, na verdade, é demasiado abstracto e nada esclarecedor como fundamento de qualquer selecção antológica. Se as outras antologias que a editora tem publicado ou pensa publicar (e são muitas) obedecem a este “critério” e têm idêntica organização, estamos entendidos quanto à sua metodologia e ao seu grau de representatividade.

Postas estas questões, se esta antologia pretende representar

condignamente a poesia italiana do século XX, então não deveria ignorar os nomes de Umberto Saba, de Giuseppe Ungaretti, de Cesare Pavese ou Antonio Porta; se quer aproximar o leitor português da modernidade, visto que inclui aqui poetas como Valerio Magrelli (n. 1957) ou Amelia Rosselli (n. 1930), então não deveriam ser esquecidos Edoardo Sanguinetti (n. 1930), Patrizia Valduga (n. 1953) ou até Alda Merini (1931-2009), sem esquecer a obra poética de Mario Luzi (1914-2005), um dos fundadores do “hermetismo” na poesia italiana. De qualquer modo, não vejo como justificar ainda aqui, a não ser numa proposta muito mais alargada, nomes como Ada Negri, Dino Campana ou Aldo Palazzeschi, respeitáveis autores, mas cujas poéticas se organizaram a partir das ideias literárias do século XIX.

Quanto à tradução, verifica-se o já conhecido desvio, fonemático e até semântico (“avversari”/“inimigos”, “possono”/“conseguem”, etc.), quando estão em confronto línguas com grandes afinidades como acontece entre o português e o italiano. Já a transposição do famosíssimo poema *Ed è*

subito sera (*Acque e terre*, 1930), de Salvatore Quasimodo, várias vezes reproposta em português, merece algumas considerações. O vocábulo “trafitto” do v. 2 já foi resolvido, de modo insuperável quanto a mim, por Orlando de Carvalho nos longínquos anos 60 (revista *Vértice*) com a sua proposta do português “transido”, razão por que a forma “trespassado” desta tradução está muito longe da solução aceitável. Já o vocábulo “sera” do v. 3 (“ed è subito sera”), sempre entendido, e aqui não se foge à regra, como “noite”, talvez deva ser revisto à luz da reflexão pertinente de Gianluca Miraglia, explorando o duplo significado “tarde/noite” e amplificando assim o campo semântico do texto. Deste modo, a tradução preferível deverá ter em atenção esta possibilidade, cujo produto poderá ser: “Cada um está só no coração da terra / transido por um raio de sol: /e de súbito é tarde”, com a ambivalência com que o último vocábulo enriquece o âmbito do discurso.

MANUEL SIMÕES